



“Será que é mágica?” Ponderações sobre as interações entre adultos, bebês e livros

“Is it magic?” Thoughts about interactions between adults, babies and books

"¿Es magia?" Reflexiones sobre las interacciones entre adultos, bebés y libros

Nazareth Salutto¹

Professora da Universidade Federal Fluminense, Niterói/Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 14/03/2022

Aceito em: 12/05/2022

Resumo

O artigo apresenta recorte de pesquisa de doutorado, que teve como centralidade observar, registrar, compreender especificidades das interações dos bebês no encontro com os livros de literatura infantil. Num primeiro momento, a pesquisa se dedicou a olhar para os bebês. Para tanto, construiu quatro categorias para observação interessada e análise de seus movimentos exploratórios e investigativos: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo. Considerando tais questões, também buscou compreender: de que modo os adultos podem redimensionar perspectivas, olhares, propostas de interações com e entre bebês e livros? Assumindo que o bebê atua sobre objetos e situações a partir de sua condição de pessoa, a relação desponta-se como princípio que tece convites e abertura para o acolhimento dos bebês no seu processo de imersão no mundo, tendo a relação como princípio.

Palavras-chave: Bebês. Livros. Pesquisa.

¹ nazarethssalutto@gmail.com

Abstract

This paper presents an excerpt from a doctoral research, whose centrality was to observe, record, understand the specificities of babies' interactions in the encounter with children's literature books. At first, before looking at this general topic, the research was dedicated to looking at babies. To do so, it built four categories for interested observation and analysis of its exploratory, intense, investigative movements: relationship, subtlety, reciprocity and bond. Considering such questions, it also sought to understand: how can adults resize perspectives, views, proposals for interactions with and between babies and books? Assuming that the baby acts on objects and situations based on his condition as a person, the relationship emerges as a principle that weaves invitations and opening for the reception of babies in their process of immersion in the world, having the relationship as a principle.

Keywords: Babies. Books. Research.

Resumen

El artículo presenta un extracto de una investigación doctoral, cuya centralidad fue observar, registrar, comprender las especificidades de las interacciones de los bebés en el encuentro con los libros de literatura infantil. En un principio, antes de abordar este tema general, la investigación se dedicó a observar a los bebés. Para ello, construyó cuatro categorías para la observación interesada y el análisis de sus movimientos exploratorios, intensos e investigativos: relación, sutileza, reciprocidad y vínculo. Considerando tales interrogantes, también se buscó comprender: ¿cómo pueden los adultos redimensionar perspectivas, puntos de vista, propuestas de interacción con y entre bebés y libros? Asumiendo que el bebé actúa sobre objetos y situaciones a partir de su condición de persona, la relación surge como un principio que teje invitaciones y apertura para la recepción de los bebés en su proceso de inmersión en el mundo, teniendo como principio la relación.

Palabras clave: Bebés. Libros. Búsqueda.

Introdução

O eu não passa de uma abstração. Ele só é na relação.
(ZUBEN, 2003, p. 17).

Este trabalho apresenta parte de pesquisa de doutorado que teve por principal objetivo investigar especificidades das interações dos bebês com livros de literatura infantil. As reflexões aqui discutidas se dão a partir de dois fragmentos do campo, que envolveu duas bebês², livros de literatura infantil e educadoras³ do grupo de referência.

O campo da pesquisa foi realizado em uma creche filantrópico-conveniada, situada em uma grande favela da cidade do Rio de Janeiro, com um grupo constituído por 21 bebês entre 15 e 18 meses

² O termo bebês é assumido no artigo, assim como o foi na pesquisa, de modo a reiterar a relevância de compreender seus modos de ser e estar no mundo e, de que de modo, tal compreensão mobiliza e pode orientar olhares sensíveis [no interior da sociedade e das instituições de modo geral] que promovam políticas e relações acolhedoras em direção a esses sujeitos. Nesse sentido, assumir bebês se reflete no compromisso em acolhê-los como pessoas de relação, sem adentrar na discussão etária.

³ Sem desconsiderar as tensões e o campo de lutas em torno da docência na Educação Infantil, o termo *educadoras* foi assumido em concordância com o nome atribuído a essa função no contexto da instituição participante da pesquisa.

três educadoras responsáveis pela dinâmica diária, a pesquisadora e uma bolsista de Iniciação Científica. As estratégias metodológicas envolveram observação participante, construção de cenários literários, registro escrito e fotográfico que nos permitiram mapear as interações dos bebês com os livros.

A imersão no campo foi realizada durante seis meses, duas vezes na semana, em horários alternados e sua arquitetura pode ser compreendida em dois tempos que se articulam: num primeiro momento, nos debruçamos nos movimentos e itinerários dos bebês no contexto pesquisado. Com base nos trabalhos de Martin Buber (1974, 2003, 2009) e Donald W. Winnicott (1975, 1983, 2000, 2014, 2012), constituímos quatro categorias analíticas (também assumidas como princípios-chave no processo de observação). São elas: relação, solidariedade e semelhança – estado de ser para além de si mesmo, reconhecimento do outro como pessoa de relação; sutileza – marca do que se faz no *entre* das relações, no *espaço-potencial*. Envolve olhar, escutar, acolher, prover como ato ético das relações; vínculo e reciprocidade – ações instauradas como resposta ao encontro instaurado pela e na relação e sutileza.

A tessitura dessas quatro categorias foi dando contorno para o ato ético e vigilante de realizar a pesquisa, norteando o compromisso de assumir os itinerários dos bebês como primeiro critério de observar seus gestos e movimentos de modo geral, suas interações com os livros de literatura de modo particular.

Tendo em vista tais questões, indagamos: o que as observações revelam sobre itinerários dos gestos e ações dos bebês nas interações com os livros? Que perspectivas para as relações e para proposições práticas as interações acenam? De modo mais abrangente, a pesquisa fundamentou-se nos estudos da Educação, da Infância, da Antropologia Filosófica, da Psicanálise e da Literatura. Articulação interdisciplinar que se revelou pertinente para compreender e articular processos de constituição dos modos de ser bebê no diálogo com a cultura⁴, neste caso, a materialidade própria do livro.

Bebês, adultos, livros – vértices de um ritual dos encontros

Então, um raio de luz fininho entra por uma fresta e acorda o palhaço. A luz vem da lua. E ali, sob a luz do luar, o palhaço tem uma ideia brilhante [...]. Quer vir conhecer o nosso teatro? – Pergunta o palhaço. A lua adora uma boa peça. Então ela desce do céu e segue o palhaço até o teatro (...).
PACOVSKÁ (s/a)

⁴ Compreendendo a complexidade do tema, coadunamos com a perspectiva apresentada por Laraia (2000) que define culturas como um conjunto de manifestações, práticas, ritos produzidos pelo homem (categoria humana) no decorrer do processo histórico da humanidade. Seu entendimento se dá a partir do campo antropológico que interroga e declina dos determinismos, sejam biológicos, geográficos, dentre outros.

Teatro, dança, raio de luz, acordar, lua, livros, espaço, objetos, tecido, pessoas todos juntos, no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Única direção inegociável: combinar com os adultos responsáveis pela dinâmica com os bebês o melhor momento para começar.

De que modo observar as interações dos bebês com os livros os adultos fossem e ocupassem a centralidade da cena? Essa indagação mobilizou a construção da estratégia metodológica de pesquisa nomeada de cenários literários, por meio dos quais buscou-se instituir espaço e tempo para as interações dos bebês com os livros de literatura infantil. Os materiais utilizados na composição das cenas foram livros de literatura infantil, tecido de apoio, câmera fotográfica, os espaços da sala de referência do grupo de bebês. O momento mais adequado para realizar a proposta era negociado com as educadoras tendo em vista o respeito à organização da rotina diária.

A opção pela estratégia dos cenários literários tinha por objetivo não reproduzir ações tais como fazer uma roda, colocar os bebês sentados, abrir o livro e ler. Propostas como essas são recorrentes nos contextos e práticas educativas com os bebês (SALUTTO, 2020). Renunciar a esse encaminhamento não significava desqualificar suas possibilidades. No entanto, a problemática da pesquisa buscava identificar e mapear possíveis itinerâncias dos bebês no encontro com os livros, com o intuito de compreender: de que modo se dirigiam aos livros? Uma vez diversificando as estratégias de apresentação dos livros, será que se interessariam? Se sim, quais seriam seus gestos? O que suas interações sinalizaram, tanto sobre os livros, quanto sobre as interações? Os/as bebês elegem algum (alguns) livro (s) como favorito? Se sim, o que os/as motiva? Buscavam os adultos? Quando? Em que circunstâncias? Com que propósito?

Essas indagações são necessárias, uma vez que a lógica das relações e práticas com as/os bebês muitas das vezes se constituem a partir de concepções que os consideram como sujeitos passivos (GOTTLIEB, 2012), desprovidos de interesses e engajamento intencional no ambiente que os circunda. Desse modo, na construção do campo da pesquisa, a estratégia de iniciar pelo olhar e interesse dos bebês em direção aos livros teve por objetivo sustentar as categorias-princípio anteriormente explicitadas, assumindo-os como sujeitos ativos e co-construtores do campo.

Além da escuta, da observação, do registro escrito e fotográfico, outros princípios metodológicos que orientaram a proposta foram: i) evitar a centralidade dos adultos na realização dos cenários; ii) criar um ambiente que convidasse e instigasse o movimento dos bebês em direção aos livros; iii) uma vez que os bebês estivessem em interação com os livros, procurar fazer o mínimo de intervenção possível, a menos que fôssemos solicitados pelos bebês. Negociações que intentavam ir para além de uma certa

fórmula do que se toma como pedagógico, com o objetivo de identificar indícios e singularidades do encontro dos bebês com os livros e, para tanto, teve no tempo de inserção, permanência e construção de vínculo com as pessoas do e no campo seu componente fundamental.

Esse percurso, sempre em escuta e diálogo com as educadoras responsáveis pela rotina do grupo, constituiu a proposta dos cenários literários. Inspiradas na literatura e na paisagem que acompanhávamos há alguns meses, sustentamos a ideia de incluir os livros literários como mais um elemento em cena. O objetivo era nos misturarmos, nós e os livros, na rede dos sentidos que embalavam gestos, situações e práticas que se desenrolavam naquele contexto relacional, sem que chamássemos tanto a atenção ou provocássemos um desvio-ruptura da atencionalidade dos bebês de suas investigações diárias. A ideia era entrar em cena buscando ser também parte dela.

A seguir, veremos um dos fragmentos⁵ do campo que inaugurou os cenários literários.

Quer vir conhecer o nosso teatro?

Era o primeiro dia do cenário com os livros. A bolsa estava pesada. Guardava, cuidadosa, o pequeno acervo minuciosamente selecionado⁶. Também guardava o longo, leve e maleável tecido. Parte do cenário estava ali, na bolsa. Havia, por certo, alguma ansiedade. Como seria? Como fariam? Já era hora de começar.

- Posso colocar o tecido e os livros?

- Pode sim!

E tudo começa. Começou! Sacola em mãos. De dentro dela, primeiro sai o tecido longo, leve e maleável. Ao ser suspenso, no encontro friccional com o ar, provoca um vento que sacode os cabelos, também leves, dos bebês. Esse movimento, desprezioso gesto, parece fazer tudo começar. Giulia é a primeira a observar o que tecido e vento provocam juntos. Chega mais perto e observa. Primeiro, apenas observa e sente, fecha os olhos, um meio sorriso nos lábios. Observa um pouco mais. Se aproxima do tecido. Aguarda. Quando o tecido é suspenso no ar, está tão próxima que seus cabelos, leves, sobem ao alto. Ela parece perceber, sentir. Ri largo agora. Observa. Na verdade, parece aguardar que o movimento se faça novamente. Quando o ritual reinicia, Giulia, agora, entra totalmente embaixo do tecido, senta-se e aguarda o movimento. O tecido é suspenso no ar, faz vento e sacode o cabelo de Giulia, que ri largo. E, começa tudo de novo, repetidas vezes antes de, finalmente, o tecido ir ao chão e acomodar os livros. Devagar, passo a passo, iniciamos esse jogo de cena. Depois de Giulia, vem outro bebê, depois outro... Ficamos todos, dentro da cena, rindo e brincando: "Vai lá, Sandro. Vai brincar também". Os bebês eram incentivados a entrar na cena. Parece que foi o tecido que chamou... Primeiro o tecido. Os livros chegaram depois... (Fragmentos do campo. Agosto de 2016).

⁵ A tessitura da tese se constitui a partir da interlocução com diferentes autores e áreas, incluindo a Literatura, tendo em Walter Benjamin um dos principais interlocutores. Inspiradas neste autor, assumimos a escrita, incluindo a empiria, como fragmentos desdobrados do campo, debruçados e arquitetados no pensamento, entrecruzado com a malha teórica que a tese foi tramando. Os fragmentos buscam revelar o *olhar debruçado* para o que foi construído no campo, nas relações, provocando assim certa fissura na cronologia vivida no campo.

⁶ O campo da pesquisa foi realizado em uma instituição filantrópico-conveniada. O acervo literário da instituição era composto, em sua maioria, de livros doados, ou, fruto de projetos em parcerias com instituições privadas e ONGs. Nesse sentido, com o intuito de preservar o material do grupo, a pesquisa organizou um acervo para a realização dos cenários literários que, posteriormente, permaneceu com o grupo.

Segundo Peirano (2003), “em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana” (p. 7). Ao reivindicar a entrada na paisagem cotidiana, sem que isso provocasse rupturas ou sobressaltos, buscamos incluir os livros, e a nós mesmas, pesquisadoras, nos inúmeros e sutis fios que constituíam os rituais característicos daquele grupo.

A dimensão ritualística da vida fascina. Em alguma medida, a indagação em torno de ‘*como começar?*’, contorna essa dimensão dos inícios que tanto inscrevem sentidos, quanto os orientam. Para Winnicott (1990), existe a primeira “mamada teórica”, com a qual o bebê inscreve as bases de sua *criatividade originária*, iniciando, para cada bebê de modo singular, sua trajetória psíquica. Na esfera social, os ritos se dão em quase tudo que cerca o homem. Da aurora ao anoitecer, as pequenas minúcias de um universo particular instituem ritualidades do viver de cada pessoa.

Genepé (2013), destaca ritos que se dão nos cenários místicos, religiosos, àqueles que inscrevem e definem marcas de uma determinada cultura. Ao tratar dos ritos de iniciação, como o nascimento, o autor destaca peculiaridades do universo místico que impregnam o social, como, por exemplo, o corte do cordão umbilical para que a impureza da mãe não passe ao bebê, entre outros.

A temática em torno dos rituais instiga compreender a entrada de um elemento novo, bem como, o esforço para compreender o itinerário de apropriação, aceitação, manutenção de um rito entre aqueles que dele participam. O que o torna permanente? O que produz de sentido para aqueles que compartilham elementos de um mesmo rito?

A cena desenrolada entre o tecido e a materialidade que o compunha, o vento, o tempo, a repetição, as vozes ao redor, fez o cenário começar. Ao contrário do pretendido – chegar, estender o tapete e os livros, observar os bebês chegarem aos livros –, a provocação para as interações se deu a partir de alguns elementos constituintes do cenário. Além disso, o fragmento captura Giulia, seu interesse, sua paulatina imersão em direção à cena: no aguardar do vento que sacudia seus leves cabelos e fazia tudo começar novamente. Para cada um dos bebês, a porta de entrada para o cenário se deu de um modo, bem como os itinerários para o encontro com os livros.

Considerar os movimentos de cada um dos bebês colocou em perspectiva os registros, as leituras do que emergia dos cenários, reforçando dois princípios. O primeiro, que apontava para quais elementos dos cenários deveriam permanecer: o tecido e seu modo de aparecer no contexto da cena (ritual); os livros que despontavam como os mais procurados. O segundo, mais sutil, referia-se a reconhecer e

assumir que, a despeito do cenário ser um, as janelas escolhidas por cada um dos bebês para entrada nesse ritual eram distintas e não lineares.

Questões que contornaram ritos, alteram cenários; fizeram elementos permanecerem, saírem, serem convidados à cena:

O rito também enquadra – na sua coerência cênica grandiosa ou medíocre – aquilo que está aquém e além da repetição das coisas “reais” e “concretas” do mundo rotineiro. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade (DA MATTA, 2013, p. 9-10).

Bebês e livros. Todos e tudo na cena, criando, transformando, subvertendo. Nessa experiência com os livros quem pode alterar sentidos e caminhos são as pessoas. O registro em torno da composição dos cenários exigiu operar em outra temporalidade, em reconhecimento aos movimentos e apontamentos dos interesses construídos pelos próprios bebês, dos seus percursos, caminhos, escolhas. Nesse sentido, a aposta em um cenário que buscasse fissurar a centralidade posta na figura do adulto, nos permitiu instituir um cenário de novos ritos, ainda que provisório, delimitado pelo tempo e contexto da pesquisa. Tempo e observação foram elementos fundamentais no mapeamento das especificidades. Persistir em não tomar partir do adulto arejou as lentes para observar indícios que revelavam caminhos dos bebês em direção aos encontros.

Bebês se dirigem para as relações. E, nesse percurso, parecem instaurar rituais que implicam adultos, espacialidades e o próprio tempo. Dimensões que discutiremos a seguir.

“Será que é mágica?” Relação, reciprocidade e vínculo no encontro entre bebês, adultos e livros

– Fechem os olhos disse Frederico, subindo numa pedra muito alta.
– Vou mandar para vocês os raios de sol. Sintam seu brilho dourado...
E, enquanto Frederico falava do sol, os quatro ratinhos foram se aquecendo. Será que era a voz de Frederico?
Será que era mágica?
PACOVSKÁ (s/a).

Reivindicar alguma perspectiva de magia para a organização da vida parece contrapor-se à lógica da racionalidade que se subsidia a ciência. Tal binarismo nem sempre esteve presente na lógica do viver, mas é fruto de percurso da própria história da ciência ocidental. De acordo com Peirano (2003)

a grande divisão entre magia e ciência correspondeu a várias dicotomias – racionalidade vs. irracionalidade; sagrado vs. profano; pensamento vs. ação; crenças vs. rituais. Reconhecida a importância dos rituais, várias tentativas de classificá-los – embora não esgotassem o tema – tiveram resultado bastante positivo, especialmente retirando-os do âmbito da religião compreendida de forma restrita como crenças em seres sobrenaturais (p. 21-22).

Na esteira do fazer científico, ritos e *magias* que margeiam e dão contorno às ações da vida podem ser reconhecidos como formas de organização que fundam e estruturam sociedades, na medida em que são vividos, compartilhados e transmitidos por diferentes grupos.

Ao partilhar sentidos de um rito, o personagem Frederico oferece as consignas para a entrada dos outros personagens: fechar os olhos, sentir o brilho do sol dourado. Seria, a mágica, o sentido partilhado no convite feito por Frederico? Que elementos buscamos reconhecer como rituais que instauram elos a partir das práticas, tão rotineiras quanto fundamentais, na lógica cotidiana?

No tópico anterior discutimos o contorno metodológico construído a partir de uma pergunta da pesquisa. A partir da construção dos cenários literários, mobilizadas pelos percursos dos bebês, pudemos mapear indícios dos seus movimentos. Um deles, sua busca pelo adulto para a partilha do livro.

O encontro entre bebês, adultos e livros carrega a marca da relação, nomeada por Reyes (2010) de *triângulo amoroso*. Os livros chegam aos bebês traslado pelas mãos e gestos dos adultos, que tecem encontro imprevisível, porque inaugural. E, nesta relação, estão envolvidos sujeitos que falam: adultos que endereçam os livros, os bebês que os tomam para si, as vozes que constituem a materialidade do objeto. Como produção cultural e humana, o livro carrega sua própria subjetividade, porque constituído pelas vozes, mãos, ideias de alguém (normalmente de muitas pessoas), num dado tempo histórico. Nesse sentido, os livros convidam à reciprocidade, à construção e estreitamento dos vínculos travados nas relações entre as pessoas; destas com os objetos, espaços, materiais. O livro literário⁷, por sua natureza múltipla, provocativamente estética e plural, configura-se como janela que permite ler o mundo para além do nosso primeiro quintal, aquele que nos acolhe nos inícios.

Livros, traslados e apresentados por mãos de generosidade e afeto, anunciam sentidos que permitem alargar horizontes. Assumidos nessa condição, livros são o justo oposto de instrumentos ou acessórios de uso pedagógico; o que não significa negar sua função no exercício de democratização da leitura no interior das instituições educacionais.

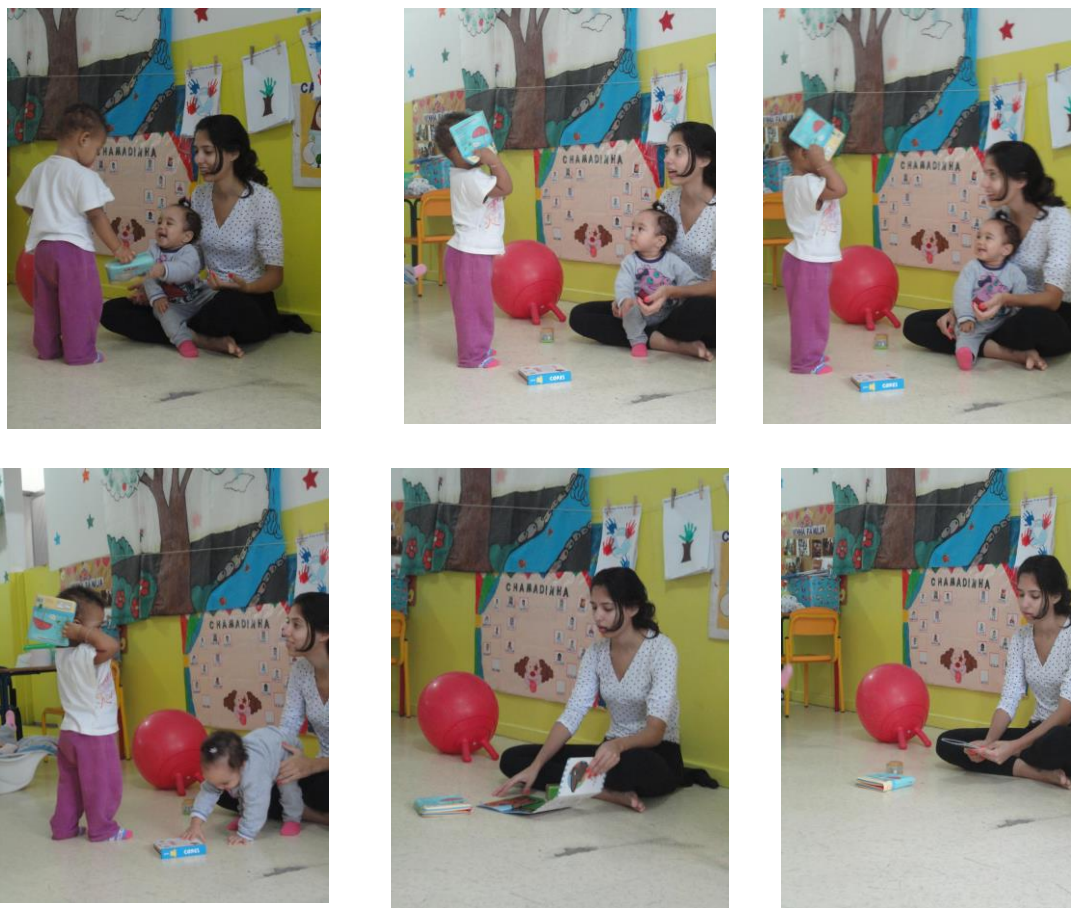
⁷ Referimo-nos aos livros de literatura de qualidade. Sem a intenção de esgotar amplo debate que sustenta perspectivas do adjetivo qualidade no livro infantil, o texto se baseia nos critérios apontados por ANDRADE e CORSINO (2007): elaboração da linguagem literária, pertinência temática, ilustração e projeto gráfico.

Contudo, se reduzido a este papel, são descaracterizados de sua força relacional, triangular; deixam assim, de serem eles também sujeitos que falam na potência do encontro e da relação, uma vez que “há outra tarefa aparentemente mais simples e, ao mesmo tempo, muito mais complexa que nós, adultos, podemos assumir: a de oferecer o material simbólico inicial para que cada criança comece a descobrir não apenas quem ela é, mas também quem quer e pode ser” (REYES, 2010, p. 15). Afeto, voz, olhar convida, forja, borda os vértices desse triângulo.

Pelas frestas dos encontros, vejamos Lorena, Michelle, Taís com e entre livros. Em primeiro plano, o conjunto da sequência:

Sequência de figuras 1 a 11 - *Será que é mágica?*





Registro da pesquisa. Cenários: bebês, adultos, livros. Agosto de 2016.

Lorena tem quase doze meses, há pouco aprendeu a ficar firme sobre os próprios pés. Parece gozar com alegria dessa conquista corporal. Por vezes, parece traçar uma linha imaginária de um lado a outro e anda para lá e para cá na grande sala. Compenetrada, segue o fio e vai. Para lá e para cá. Durante os cenários, não age diferente. Escolhe um livro ou outro; algumas vezes, mais de um, e vai pela sala, para lá e para cá. Por vezes, fica num cantinho dedicada a explorar os livros vagarosamente. Lorena não se aproxima muito das pesquisadoras. Se, por alguma razão, demonstra necessidade de atenção, busca as educadoras da turma, especialmente, Tais, a quem demonstra carinho e confiança. Lorena estava num desses momentos de intimidade com o livro; ela e eles, num cantinho da sala. A certa altura, observa Tais que, relaxada e sentada perto da parede, também observa os bebês. Lorena, então, vai até ela com dois livros em mãos. Recebida por Tais com alegria – expressa num largo sorriso –, imediatamente, faz como em outros momentos: senta-se em seu colo. Ali, naquele lugar que lhe parece confortável, toma o livro em mãos e começa o jogo tantas vezes repetido pelos bebês: abre-vira-mexe-abre... Michele observa, se aproxima, vai chegando... Deseja pegar o livro? Quer se sentar no colo de Tais? Quer apenas ficar perto das duas? O que a levou até ali? Gesticula as mãos. Será uma pergunta? O que deseja? Mexe o corpo com graça; seu movimento remete a uma coreografia gingada. Dança, teatro? Não sabemos. Mas, Lorena, parece entender. Olha Michele nos olhos, sorri, põe o livro na cabeça, entrega-o a Michele. Jogo? Tais, por sua vez, entra no círculo que todos esses gestos e movimentos parecem formar. Responde a eles gestual e expressivamente. Sorri, olha para Michele, devolve o olhar a Lorena. Sorri novamente. Faz cara de espanto. Jogo? A cena continua, movimentos se repetem, bem como os sorrisos, os gestos. O corpo de Michele ginha. Dança, teatro? Cadê Lorena e Michele? Não estão mais em cena... Levaram consigo a dança, o teatro, o jogo? Deixaram para trás seus vestígios: os livros, os gestos? O colo, lugar que acolheu Lorena, agora vazio. As mãos de Tais guardam, fecham, zelam pelo livro. O jogo abre-fecha-abre... termina no 'fecha'. Quem vai começar tudo de novo? (Registro da pesquisa. Cenários: bebês, adultos, livros. Agosto

de 2016).

Lorena parece mover-se pelo afeto. Experimenta-o ao andar de lá para cá, ao fazer escolhas, seja do livro ou de um canto da sala para ficar. Entre as escolhas que faz, está a de levar o livro escolhido até alguém de quem revelar gostar. Reconhece-se não só vestígios do triângulo amoroso de que trata Reyes (2010), mas de seu itinerário, movido pelo afeto, pelas minúcias que fia, costura e cria condições para as escolhas da bebê: ir até a pessoa em quem parece confiar; ser recebida com a alegria de um sorriso, experimentar o colo que não oferece resistência. Não parece ter procurado Tais para que esta lesse o conteúdo do livro, mas para estar ali, em seu colo.

Para Buber (2009), existem dois modos de estar face a face com ao outro: imposição ou abertura. Na primeira, a pessoa impõe-se por posição ou atitude. A segunda forma de agir, se dá diante da abertura que um dá ao outro, encontrando-se nas opiniões e atitudes das duas pessoas de relação. Não se sabe todos os detalhes e minúcias que traçam o itinerário de Lorena até o colo de Tais. No entanto, o sorriso do acolhimento, o corpo que acolhe com colo, denotam indícios desse acordo mútuo, provocado por querer estar junto e abertura para estar junto.

Michele entra em cena. Não se sabe o que ela deseja: será o livro, será o colo, será entrar no triângulo? Há abertura e acordo para sua entrada, para o jogo que as três negociam, do qual o livro faz parte. Para que a reciprocidade se torne realidade, é necessária uma relação que perceba, reconheça, abra e acolha o outro como *Tu*, como pessoa *de* relação, *numa parceria viva, isto é, quando numa situação comum ao outro, me exponho vitalmente à sua participação nesta situação como sendo realmente sua [...], se a mutualidade é conseguida, o inter-humano desabrocha em conversação genuína* (p. 148). Dança, teatro, jogo? Ou conversação genuína?

O fragmento revela o livro como presença, mas também como desvio. No decorrer da cena, observamos o movimento, o convite, o colo, o ritmo cadenciado pelo corpo das duas bebês; no triângulo das pessoas em relação, o livro transita na dança, no teatro-jogo entre as bebês e o adulto, até ser encerrado, no gesto final que o fecha. Um dos papéis do adulto diz respeito ao exercício de, sutilmente, orientar práticas que visem zelar, cuidar, guardar, preservar, manter. Mas, não só. Por que o adulto fecha o livro e não segue a dança da gestualidade nos territórios institucionais? Talvez, seja algo a compreender e subsidiar nas práticas com os livros: reconhecer que itinerários e cenários construídos pelos bebês instituem interações dos adultos, num reinventar das práticas que se fundamentem na relação como princípio. Além de ser aquele que apresenta e organiza elementos do cenário, o adulto é convidado a

estar ali, ser presença (BUBER, 2009). Estar aberto para quando o cenário iniciar, receber e partilhar com alegria não só porque ele, o adulto, apresenta ao bebê certo conhecimento, mas porque reconhece no bebê sua capacidade de construir uma cena para os dois, o que também recoloca o lugar dos objetos partilhados, construídos e experimentados *com e juntos e, é por essa razão que se trata de um encontro e não de união, e é porque tal encontro acontece não entre o homem e os objetos passivos, mas entre o homem e aquilo que é ativo nesses objetos [...]* (ZUBEN, 2003, p. 46).

Para Winnicott (1975), os objetos⁸ assumem caráter fundante naquilo que considera o limiar da experiência cultural do bebê. Aos poucos, na *área intermediária* onde se dão os *fenômenos transicionais*⁹, os objetos passam de instrumentos (incluindo o próprio corpo e o da mãe, com o qual o bebê está *fundido*; nos movimentos de sucção, por exemplo), que visam saciar necessidades, a processos de representação e simbolização. Gradualmente, os objetos externos passam a ocupar e exercer sua função cultural na história do bebê, o que insinua que *os fenômenos transicionais não pertencem à linha instintual do amadurecimento; eles estão na linha direta da tarefa [...]* (DIAS, 2014, p. 223).

Elementos que convidam a deslocar o livro de seu lugar sacralizado, a colocá-lo em mão dupla. Significa, também, transitar num fio fabular, na medida em que não se pode afirmar que os livros funcionam, para todos os bebês, como objeto transicional. Pode ser o livro ou outro objeto; pode ser o livro e outro objeto; o livro pode não ocupar esse lugar na constituição subjetiva do bebê. Contudo, compreender essas nuances como possibilidade do ponto de vista dos bebês na relação com as coisas, impulsiona considerar que, antes de se apropriar da face cultural do livro, o bebê o leva a transitar por caminhos subjetivos nessas primeiras interações. Seus sentidos são forjados no encontro, atravessado por um tempo mais plástico do que o considerado na maioria das vezes e, desse modo, a relevância se dá

⁸“O uso do termo objetos na literatura psicanalítica pode confundir o leitor. Deve ser tomado em seu significado particular como o oposto de “sujeito” [...]. Portanto, o objeto, nestas relações primitivas, é, para o bebê, indistinguível do seu próprio eu. Winnicott referiu-se a tal objeto como um “objeto subjetivo” para contrastá-lo com um “objeto objetivamente percebido” (DAVIS e WALLBRIDGE, 1982:57).

⁹ Os conceitos *fenômenos transicionais* e *objetos transicionais* são pontos-chave da teoria do amadurecimento de Winnicott (DIAS, 2014). Por *fenômenos transicionais* compreende-se ações, atividades e objetos transicionais aquilo que sustenta ou caracteriza os fenômenos. O estudo desses dois conceitos alarga a compreensão do uso que os bebês podem dar aos objetos, ao entorno, às relações, para a compreensão dos sentidos, representações, simbolismos, criações que vão costurando para o conjunto do que vivem e experimentam. Embora fuja ao escopo deste trabalho, os conceitos provocam a pensar no papel que exercem na experiência subjetiva do bebê como um *si mesmo* em contraste com a descaracterização da personalidade que, muitas vezes, marca o cotidiano dos bebês e das crianças nas instituições, atravessada pela invisibilidade das suas coisas preferidas, dos objetos levados de casa que precisam rapidamente ser guardados e/ou escondidos, entre outros. Situações e artefatos que marcam, materialmente, esse lugar subjetivo das pessoas e que não encontram espaço ou lugar de ser nas instituições.

em compreender que *não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado* (WINNICOTT, 1975, p. 30).

Mas, os gestos – pegar, apertar, amassar, morder, experimentar *al dente* – constituem certa gênese dessa experiência cultural que

está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não eu. (WINNICOTT, 1975, p. 139).

Extensões de si que extrapolam, transbordam no corpo, insinuando uma lógica do itinerário do bebê até o objeto: aproximar-se, observar, escolher, apertar e sentir nas mãos, tentar abrir e virar as páginas, segurar numa posição confortável. As mãos levantam o objeto no alto, os braços acompanham o ângulo do livro; todo o corpo do bebê se mobiliza e, em alguma medida, parece misturar-se com a materialidade que o livro. Camadas de leitura possíveis desse jogo entre corpo e livro, desse mimetismo sinestésico envolvido na tarefa de tornar-se *si mesmo* em interface com a realidade cultural. Gestos que, pouco a pouco, sustentam sentidos de confiança do bebê para agir, desvelar, conhecer:

Os fenômenos transicionais estão exatamente no meio do caminho – como uma passagem intermediária e facilitadora – dessa “longa” jornada que vai da realidade subjetivamente concebida à realidade objetivamente percebida. A ‘terceira área de experiência’ deverá, portanto, ser preservada em qualquer etapa do amadurecimento e em qualquer setor da vida – para que a realidade, externa, nua e crua, tenha significado pessoal. Com o tempo, ela deverá, também, poder ser exercida no terreno que lhe é próprio, as artes e a cultura em geral (DIAS, 2014, p. 223).

Fenômeno de transição que envolve corpo, sentido pessoal, subjetividade como expressão de si na imersão da experiência cultural e faz emergir a face delicadamente humana dessa reflexão. Ao assumir a arte como forma de comunicação, ao construir trabalhos que deixem o limiar, a fenda para o agir do bebê, o autor oferece um tanto de sua subjetividade, marcando o espaço intersubjetivo do encontro entre bebê e livro. Pode-se fabular, sonhar com esse encontro que caminha na linha tênue, quase translúcida, de um encontro que se faz na cultura, pela cultura, tecidas por mãos e gestos que assemelham bebês e adultos: a realidade de serem pessoas. Pensar a função socializadora do livro a partir dessa ótica, suscita ampliações que convidam a dimensionar o corpo, os gestos *al dente* como elementos estéticos. *Sentido pessoal* que, deslocado desse olhar, pode ser tomado como destrutivo, e, como consequência, não participar das propostas entre os bebês.

Ponderações finais

A reflexão construída neste artigo aponta para o livro ativo porque está vivo na reciprocidade partilhada, na relação que pode ser ponto duplo, de vaivém: do bebê que convida o adulto, do adulto que brinca com e no cenário construído pelos bebês. Se o bebê age na tarefa de constituir sua própria subjetividade, ao fazer isso, força do mundo e força do bebê são realidades que se encontram. Do encontro, emerge a potência limiar do diálogo, do dialógico: *a relação viva e recíproca implica sentimentos, mas não provém deles. A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca, todavia o verdadeiro construtor é o centro vivo e ativo*” (BUBER, 1974, p. 53). O centro vivo e ativo é o que se dá na gênese da relação, o encontro fundado na inteireza, no desejo de se estar com, de tornar-se presente da pessoa. Experiência que acontece *entre* bebês e adultos em laços que se contrapõem ao pragmatismo. *Será que é mágica?*, perguntam adultos supresos com a tenacidade interessada e ativa dos bebês diante dos livros e outras materialidades. Não é mágica, concordamos, mas relações construídas que instituem reciprocidade e vínculo *entre* pessoas que partilham de relações genuínas, ativas.

Bebês e livros: relação, sutileza, vínculo e reciprocidade. Bebês e livros em cena, no jogo relacional das interações, criações, jogos, brinquedos. Nos desvios, desarrumando, *destruindo*, na perspectiva benjaminiana, os bebês se revelam capazes de produzir realidades, movidos por espontaneidade, interesse, engajamento no cenário que entretece vida, cultura, relações dos quais fazem parte e reivindicam o direito de participarem.

No papel de adultos, ponta mais experiente do vértice relacional, é tempo de reivindicar outro estatuto relacional com os bebês no contexto das relações dentro e fora do espaço institucional da Educação Infantil. Em especial, aquele que afirme e confirme uma pedagogia das relações, que toma as interações como apostas na constituição de vínculos humanos solidários, que reconheçam a responsabilidade geracional para além da instrução, assumindo a potência do afeto que mobiliza outras possíveis dimensões do ato educativo.

Referências

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Campinas: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. **El camino Del ser humano y otros escritos**. DÍAZ, Carlos (tradução e notas). Madri: Fundación Emmanuel Mounier, 2003.

DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, David. **Limite e espaço**: uma introdução à obra de D. W. Winnicott. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DA MATTA, Roberto. Introdução. In: GENNEPE, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. São Paulo: Vozes, 2013.

GENNEPE, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. São Paulo: Vozes, 2013.

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida**. A cultura dos recém-nascidos no oeste da África. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PACOVSKÁ, Kveta. **Jogo da meia-Noite**. São Paulo: Ática, [1993].

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

SALUTTO, Nazareth. “Pode deixar rasgar?” Relação e subjetividade no cotidiano com bebês e livros na creche. **Educação Unisinos**, v. 24, 2020.

WINNICOTT, Donald Wood. **O brincar e a realidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Helena Souza Patto. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, Donald Wood. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ARTMED, 1983.

WINNICOTT, Donald Wood. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald Wood. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LCT, 2014.

WINNICOTT, Donald Wood. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Martin Buber**: cumplicidade e diálogo. Bauru, SP: EDUSC, 2003.